

Perfil

A LÉM DE GUARDAR TESOUROS

Carito Azevedo diz que os sebos cumprem uma função que as livrarias perdem há muito tempo: a de ser simples depositários de livros.

— As livrarias só têm lançamentos e best-sellers. Os livros somem das livrarias muito rapidamente. No sebo não se encontram apenas os livros raros. O que sai da estante das livrarias alimenta os sebos — diz.

Entre seus endereços preferidos estão o Al-Farábi, o Berinjela e o Letra Viva, no Centro, o Boca de Sapo, em Ipanema, e a Feira do Livro, no Largo da Carioca. Cada um com um estilo.

Vagando pelo centro, o poeta andalinho é de si mesmo e dos livros. Ninguém mais o alcança. — Não tenho celular porque acredito que a criação vem de momentos de solidão, do vácuo de idéias, do isolamento — diz ele, que sai da casa da mãe, Dona Hilda, na Ilha do Governador, para onde voltou, depois de se separar e de perder o pai, e só sai do formigueiro humano tarde da noite, muitas vezes depois de encantar um milk-shake de creme gande na Confeitaria Colombo. — Sou da cidade. Não conseguiria sobreviver fora dela.

Escritor lembra música-poesia

Mas sua resistência à tecnologia não acaba no celular. Apesar de fazer da internet uma ferramenta de trabalho tão corriqueira que permite não ir à sede da editora, ele passa longe do teclado do computador na hora de pôr seus versos no papel.

— Retrocedi. Usava máquina de escrever e, quando me dei conta de que elas desapareceriam, passei à caneta.

Pura Carito, diferentemente da música, a poesia é uma maldição que persegue o artista.

— A música popular é uma coisa que é feita para dar certo. A poesia não. Houve uma época em que até elas se juntaram e uma coisa chamava a outra. O que Chico e Caetano faziam era poesia. Quem lia Caetano lia Cabral. Hoje gosto do Arnaldo Antunes, por exemplo. Também são muito bacanas o funk e o experimentalismo de Rodolfo Caesar.

Na sua área, seus elogios vão para a argentina Tumara Kamenszajn, para os poloneses, que serão objeto de uma antologia no ano que vem, e para os brasileiros com mais de 60.

— Dos autores vivos, Ferreira Gullar, Antônio Torres, Manoel de Barros são os que mais me agradam atualmente — diz, acrescentando à lista de seus preferidos Paulo Leminsky e Ana Cristina César.



O MAPA DA MINA

■ **AL-FÁRABI**, Rua do Rosário 30 e 32, Centro. Telefone: 2233-0879 e 2223-2867. E-mail: alfarabi@terra.com.br. Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 10h às 20h; sábado, das 10h às 17h.

■ **BERINJELA**, Avenida Rio Branco 185, subsolo, loja 10, Centro. Telefone: 2522-3646. Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 19h30m. E-mail: livrariaberinjela@yahoo.com.br.

■ **BOCA DE SAPO**, Rua Visconde de Pirajá 12, loja D, Ipanema. Telefone: 2287-5207. E-mail: bocadepsapo@terra.com.br.

Funcionamento: De segunda a sexta-feira, das 10h30m às 20h; sábado, das 10h30m às 19h; domingo, das 12h às 17h.

■ **FEIRA DO LIVRO**, Largo da Carioca, Centro. Algumas barracas como a Prazer em Ler têm telefone: 2568-7044. Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 19h; sábado, das 9h às 14h. A feira não ocorre em dias de chuva.

■ **LETRA VIVA**, Rua Luís de Camões 10, Centro. Telefone: 2252-3460 e 2252-3513. Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h30m; sábado, das 9h às 14h.